

# UMA PSICOLOGIA CLÍNICA INSPIRADA EM KIERKEGAARD: REVISÃO INTEGRATIVA

A clinical psychology inspired by Kierkegaard: integrative review

Una psicología clínica inspirada en Kierkegaard: revisión integradora

ISABELLA CRISTINA CORREA  
FABRÍCIO EMANUEL SOARES DE OLIVEIRA

---

**Resumo:** O presente artigo teve como objetivo analisar a produção de artigos científicos que descrevem uma psicologia clínica inspirada em Kierkegaard, por meio de uma revisão integrativa. Assim, buscou-se a verificação da produção científica dos últimos dez anos acerca da temática através de uma revisão integrativa. Recorreu-se às bases de dados: bases bibliográficas da Bvs-Psi (Biblioteca Virtual em Saúde-Psicologia), SciELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). A amostra final foi de 5 artigos apresentando estudos que relacionavam a filosofia de Kierkegaard com a psicologia. Assim, compreende-se a psicologia clínica de inspiração kierkegaardiana como um espaço para que o paciente/cliente possa pensar outras possibilidades de existir e se relacionar com suas responsabilidades. Espera-se que os presentes resultados possam contribuir para direcionar novas pesquisas sobre o tema e que possibilite a realização de intervenções no campo da psicologia clínica.

**Palavras-chave:** Kierkegaard; Psicologia Clínica; Psicoterapia.

**Abstract:** The present study aimed to analyze the production of scientific articles describing a clinical psychology inspired by Kierkegaard, through an integrative review. Thus, we sought to verify the scientific production of the last ten years on the topic through an integrative review. Databases were used: bibliographic databases from Bvs-Psi (Virtual Library in Health-Psychology), SciELO (Scientific Electronic Library Online) and LILACS (Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences). The final sample was 5 articles presenting studies that related Kierkegaard's philosophy with psychology. In this way, Kierkegaardian-inspired clinical psychology is understood as a space for the patient/client to think about other possibilities of existing and relating to their responsibilities. It is hoped that the present results can contribute to directing new research on the topic and making it possible to carry out interventions in the field of clinical psychology.

**Keywords:** Kierkegaard; Clinical Psychology; Psychotherapy.

**Resumen:** El presente artículo tuvo como objetivo analizar la producción de artículos científicos que describen una psicología clínica inspirada en Kierkegaard, a través de una revisión integradora. Así, buscamos verificar la producción científica de los últimos diez años sobre el tema a través de una revisión integradora. Se utilizaron bases de datos: bases de datos bibliográficas de Bvs-Psi (Biblioteca Virtual en Psicología de la Salud), SciELO (Biblioteca Científica Electrónica en Línea) y LILACS (Literatura Latinoamericana y del Caribe en Ciencias de la Salud). La muestra final fue de 5 artículos que presentaban estudios que relacionaban la filosofía de Kierkegaard con la psicología. De esta manera, la psicología clínica de inspiración kierkegaardiana se entiende como un espacio para que el paciente/cliente piense en otras posibilidades de existir y relacionarse con sus responsabilidades. Se espera que los presentes resultados puedan contribuir a orientar nuevas investigaciones sobre el tema y posibilitar la realización de intervenciones en el campo de la psicología clínica.

**Palabras clave:** Kierkegaard; Psicología Clínica; Psicoterapia.

Soren Aabye Kierkegaard foi considerado um filósofo existencialista e dedicou seus estudos a temas de filosofia, teologia, política e psicologia, adotando uma postura de questionamento e crítica em relação ao conhecimento de sua época, por volta do século XIX (Feijoo & Protasio, 2011). Ele criticava a ciência ao afirmar que esta poderia perder de vista a existência do indivíduo ao priorizar a objetividade sobre a subjetividade (Feijoo et al., 2018), indicando a importância de outras formas de conhecimento, como o conhecimento de si mesmo na própria existência. Nesse sentido, para Kierkegaard, é fundamental considerar o caráter sensível da existência e perceber o ser humano como um ser existencial, não apenas como uma ideia. Assim, a existência é de interesse para a psicologia existencial e pode ser entendida como o espaço onde a vida acontece (Feijoo & Protasio, 2011).

Kierkegaard, sob o pseudônimo de Haufniensis (1844/2010), em seu livro “O conceito de angústia”, aponta que a psicologia é a ciência mais adequada para lidar com a realidade e compreendê-la, pois, se interessa pela vida humana particular e abre espaço para enfrentar a angústia como “possibilidade para a possibilidade”, sendo este o objeto de interesse da psicologia (Feijoo et al., 2018). Nesse sentido, Kierkegaard argumenta que a liberdade como “possibilidade para a possibilidade” constitui o aspecto mais essencial do ser humano, pois ele se torna através das possibilidades que emergem em sua existência, em sua relação consigo mesmo e com a humanidade (Vieira, 2020).

Assim, pensar em uma psicologia clínica inspirada em Kierkegaard é adotar uma postura crítica na qual não se trata de o psicólogo indicar caminhos ao paciente/cliente, mas de oferecer um espaço de abertura para que novas possibilidades possam surgir. Essa abordagem existencial se interessa pela vida humana, seus interesses e pela possibilidade de transformação (Feijoo, et al., 2018).

## Psicologia Clínica

Podemos entender a psicologia clínica como uma área da saúde que aplica técnicas científicas com o objetivo de reduzir o sofrimento psicológico, tratar distúrbios mentais ou reintegrar a pessoa ao seu meio (Cabral & Nick, 1979, como citado em Souza, 2021). Ela se define como método, campo de atuação e área de produção de conhecimento. Como método, envolve a avaliação e diagnóstico de indivíduos ou grupos, seguido por intervenções seguras, de natureza preventiva, educativa ou psicoterapêutica, considerando suas realidades sociais e individuais com base em princípios científicos. Como campo de atuação, insere-se no contexto da saúde, com o propósito de superar o sofrimento psíquico, seja em nível individual ou grupal. E como área de produção de conhecimento, dedica-se ao estudo e construção de teorias sobre a realidade psicossocial dos

indivíduos envolvidos nesse processo (Schneider, 2011).

Diante disso, a psicoterapia pode ser definida como um método de tratamento no qual o terapeuta utiliza a comunicação verbal como principal recurso para influenciar o paciente/cliente. Além de aliviar o sofrimento psíquico e eliminar sintomas de transtornos específicos, busca também estimular o desenvolvimento pessoal, aprimorar as relações humanas e promover a satisfação pessoal, além de facilitar o aproveitamento das capacidades individuais do paciente/cliente (Cordioli et al., 2019). Segundo Erthal (2013), a psicoterapia utiliza o autoconhecimento como material para o crescimento individual e é uma orientação voltada tanto para o paciente/cliente em sua totalidade quanto para a autêntica relação entre ambos.

Segundo Araújo e Freire (2014), a prática da psicoterapia depende tanto da formação especializada quanto dos atributos pessoais do psicólogo, enfatizando uma abordagem clínica fundamentada em um referencial de valores. De maneira semelhante, Dutra (2013) destaca que a prática clínica é moldada pela experiência pessoal do psicólogo. Além disso, a autora ressalta que o uso de teorias ou técnicas psicoterapêuticas por si só não garante a eficácia do tratamento; assim, o psicólogo deve criar um espaço que permita a abertura às possibilidades de existir no mundo junto ao outro.

## Psicologia clínica existencial e psicologia clínica inspirada em Kierkegaard

Para uma melhor compreensão da psicologia clínica existencial, é necessário definir alguns conceitos. O existencialismo define-se enquanto doutrinas filosóficas cujo objetivo é a análise e a descrição da existência concreta (Jolivet, 1975, como citado em Erthal, 2013). Assim, embora cada filósofo existencial tenha sua própria ideia, a preocupação em compreender e explicar a existência humana é algo comum entre eles, assim como o papel ativo do homem enquanto construtor do seu próprio caminho (Erthal, 2013).

A “existência precede a essência” é uma afirmação muito usada por Sartre, sendo um princípio básico do existencialismo. A essência de algo é aquilo que resta, é a coisa em si, seja ela real ou imaginária, sem precisar de algo que a qualifique. A existência é uma contínua criação da pessoa, é um contínuo vir a ser, ou seja, trata-se de uma relação constante da consciência consigo mesma e também com o mundo. Desse modo, em todo momento o homem precisa escolher o que haverá de ser no momento seguinte, somente existindo ele poderá ser. Assim, não há como afirmar uma essência ao homem, pois essência implica uma ideia permanente e somente existindo, o homem se projeta ser. Diante

disso, se pensar o oposto, que a existência é apenas uma expressão da determinação de uma essência, se restringe o poder do homem se autodeterminar e, assim, tem-se uma atitude mais passiva diante de sua vida (Erthal, 2013).

Diante disso, a psicologia clínica existencial sartreana busca investigar quais seriam as condições de possibilidades de fenômenos psicológicos para uma pessoa ser quem ela é, considerando suas essências específicas, como ela chegou a constituir sua personalidade com base em um projeto de ser específico e através da descrição de seu contexto antropológico e sociológico em seu projeto. Desse modo, cabe ao método clínico especificar tais contextos que contribuem para as condições de personalização e psicopatologização (Schneider, 2011).

Desse modo, a tarefa da psicoterapia existencialista é a de colocar o ser da pessoa em suas próprias mãos, possibilitando o cliente/paciente se converter em sujeito da sua própria história. Assim, se trata de viabilizar o homem enquanto sujeito para que, assim, este possa superar sua condição de alienação e fazer algo com aquilo que os outros fizeram dele (Schneider, 2011). Diante disso, para Oliveira et. al. (2021), é objetivo do psicoterapeuta fenomenológico-existencial desvelar a negatividade essencial da existência do paciente/cliente.

Soren Aabye Kierkegaard (1813-1855) nasceu em Copenhague, Dinamarca e teve seu pensamento influenciado pela tradição cristã, pelo pensamento socrático e por Georg Wilhelm Hegel (Margarido, 2017). A filosofia de Kierkegaard esteve pautada em sua relação entre o existir como indivíduo e a consciência desse existir. Em seus estudos, se preocupava em compreender e construir um filosofar sobre a existência e foi considerado o primeiro representante da filosofia existencial (Erthal, 2013).

Na filosofia de Kierkegaard, a escolha é o núcleo da existência humana, pois existir é escolher-se. No entanto, nenhuma escolha é feita sem angústia e cada escolha é influenciada pela necessidade de cada pessoa. Nesse sentido, o homem é obrigado a escolher e, escolher é se expor aos riscos, pois cada escolha carrega em si a incerteza, de modo que tudo isso gera angústia e desespero (Erthal, 2013). Diante desse contexto, cabe destacar a possibilidade como elemento do qual nasce a ação do homem em liberdade. Assim, a liberdade é constitutiva da condição humana e acarreta a impossibilidade de não escolher e a inevitabilidade de vivenciar as consequências dessas escolhas (Feijoo & Protásio, 2011).

Em sua obra 'O conceito de angústia', Kierkegaard criticava a psicologia cientificista da época e apontava para a atuação da psicologia como algo próximo à existência e considerando os caminhos da possibilidade, tendo seu enfoque na existência e na angústia e como ela se mostra na vida. O científico que Kierkegaard criticava é em relação à ciência que quer estabelecer limites, uma ciência

lógica que não deixa a vida aparecer no seu próprio mostrar-se. Assim, essa ciência lógica perde de vista a existência e não há nenhum movimento de vir a ser nela, pois, nessa lógica, o movimento é linear, é um movimento de causalidade (Vieira, 2020).

Nesse sentido, Kierkegaard compreende a linguagem direta e sistemática da sua época como limitada para sustentar a rearticulação existencial e enfatiza a possibilidade de controlar os possíveis da existência através da provocação reflexiva que leva o outro a se transformar. Nesse sentido, conforme citam Feijoo et al. (2018), não há a certeza do que se pode alcançar, pois sustentar um espaço de possibilidade é sustentar a indeterminação e a precariedade de todo ser como espaço de negatividade no qual tudo é possível, de modo que há, então, uma fé na possibilidade de transformação e a importância de se resguardar esse espaço de possibilidade através da comunicação. Desse modo, a comunicação pode funcionar como um meio para se pensar e, assim, inspirar ou mobilizar uma transformação na existência do ser (Feijoo et. al., 2018).

Segundo Margarido (2017), no contexto da clínica psicológica, o homem/paciente não se desespera por outro, mas desespera de si próprio e tal reflexão o possibilita a reconhecer a sua interioridade para si mesmo. O psicólogo vai, então, em direção a singularidade do homem/paciente enquanto um processo inacabado, através da indagação que há na clínica. Ele deve, então, sustentar um espaço no qual o paciente possa se tornar pensador de si próprio e se tornar quem é. Assim, o psicólogo acompanha o paciente/cliente no caminho que ele narra seu sofrimento e sua história.

Diante disso, a disposição do psicólogo se trata de explorar a vida mesma e como ela se dá no cotidiano, atento aos seus detalhes. A psicologia, então, se ocupa da experiência do homem, acompanhando-o em seu agir cotidiano. Assim, o foco de estudo dessa psicologia inspirada em Kierkegaard é a angústia, ou seja, é o mostrar-se da liberdade para si mesma (Vieira, 2020).

Assim, Margarido (2017), afirma que tanto a psicologia clínica quanto Kierkegaard buscam compreender a questão do sofrimento humano e ambos apontam para a importância do reconhecer-se e do apropriar-se de si e da responsabilidade diante disso. Ademais, o autor afirma que, ao estabelecer o desespero como um caminho para o reconhecimento do self e ao definir a angústia enquanto condição de liberdade diante do mundo, Kierkegaard cria laços com a psicologia e sua investigação. Nesse contexto, é pensada a proposta de uma clínica psicológica enquanto possibilidade de aproximação do homem consigo mesmo (Vieira, 2020).

A fim de investigar o conhecimento atual acerca dessa proposta na literatura, o presente estudo teve como objetivo analisar a produção de artigos científicos que descrevem uma psicologia

clínica inspirada em Kierkegaard, por meio de uma revisão integrativa.

### Metodologia

Para obter os resultados esperados, realizou-se uma revisão integrativa sobre uma psicologia de inspiração kierkegaardiana, utilizando artigos científicos publicados nos últimos 10 anos (2013 a 2023). A pesquisa foi conduzida de abril a maio de 2023 nas bases de dados bibliográficas Bvs-Psi (Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia), SciELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Os descritores e operadores booleanos utilizados foram: Kierkegaard AND psicologia; Kierkegaard AND psicologia clínica; Kierkegaard AND psicoterapia.

Os critérios de inclusão foram: (a) publicações dos últimos 10 anos (2013 a 2023), (b) artigos científicos completos, (c) textos disponíveis online e de acesso gratuito, e (d) pesquisas com o objetivo de identificar aspectos relacionados à psicologia clínica kierkegaardiana. Os critérios de exclusão foram: (a) artigos duplicados e (b) textos que não abordavam o objetivo da pesquisa.

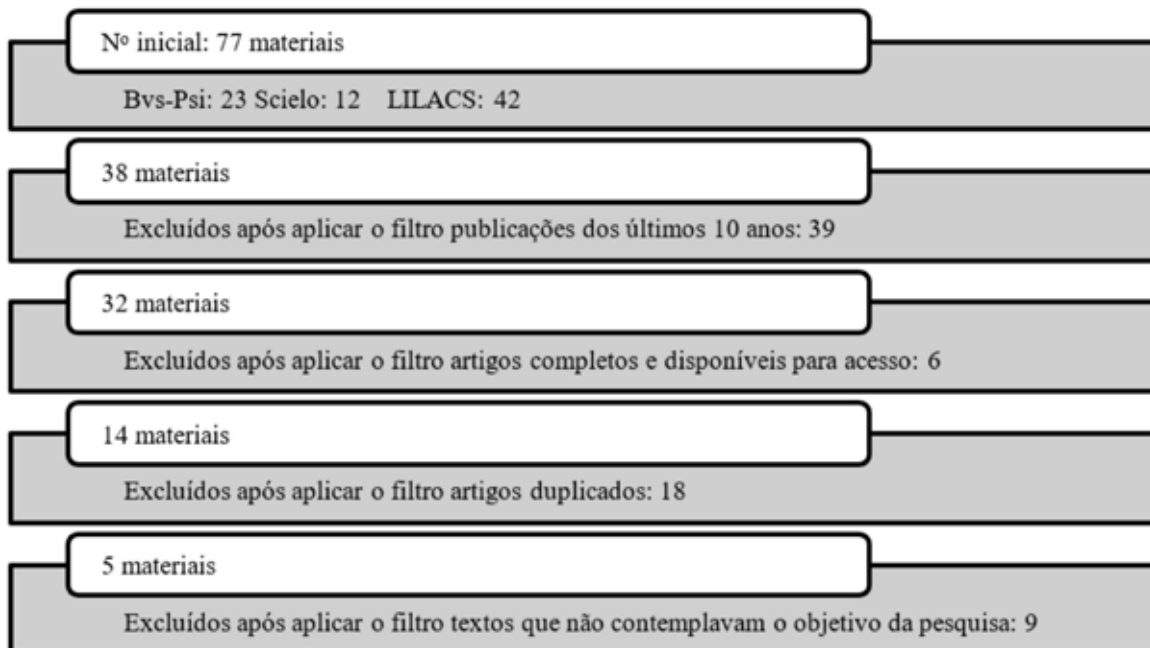
### Resultados e Discussão

Durante a pesquisa nos bancos de dados, foram identificados 77 materiais, distribuídos conforme Tabela 1: Bvs-Psi (23), SciELO (12) e LILACS (42). Observou-se um maior número de artigos encontrados utilizando a estratégia de busca “Kierkegaard and psicologia” em comparação às outras estratégias.

**Tabela 1**  
Materiais encontrados com as estratégias de busca nas bases de dados.

Descritores	Nº de artigos encontrados			Total
	Bvs-Psi	SciELO	LILACS	
Kierkegaard and psicologia	12	7	25	44
Kierkegaard and psicologia clínica	5	1	9	15
Kierkegaard and psicoterapia	6	4	8	18
Total	23	12	42	77

**Figura 1.**  
Processo de seleção e eleição da amostra final de artigos.



A Tabela 2 representa a organização da amostra final dos artigos selecionados para análise, contendo as principais informações de cada um.

Na primeira etapa de seleção, após aplicar o filtro de publicações dos últimos 10 anos, foram excluídos 39 materiais. Assim, da amostra inicial de 77 materiais, restaram 38 para serem avaliados segundo os critérios de artigos completos e disponíveis para acesso, exclusão

de artigos duplicados, e relevância para o objetivo da pesquisa, que é a psicologia kierkegaardiana. Nesta etapa, foram eliminados 6 materiais por não estarem disponíveis na íntegra e 18 artigos duplicados, resultando em um total de 14 artigos. Após a leitura dos resumos desses 14 artigos, mais 6 foram excluídos por não se relacionarem ao objetivo da pesquisa, resultando em 8 artigos restantes. Destes 8, após leitura completa,

**Tabela 2**

Categorização Dos Artigos Da Amostra Final Quanto À Identificação, Autor(Es), Título, Ano Da Publicação, Objetivos E Principais Resultados.

Autores/ano	Título	Objetivos	Principais resultados
Mattar & Feijoo, 2016	O desespero humano em Kierkegaard.	Mostrar a atualidade do estudo da obra “Modos de subjetivação” para o psicólogo.	Uma psicologia kierkegaardiana que abre espaço para que processos de singularização possam tomar frente, buscando detectar a questão do desespero. Cabe ao psicólogo acompanhar o homem em seu agir cotidiano, acompanhar a atmosfera que precede ou sucede os saltos da existência.
Protasio, 2014	A psicologia indicada por Kierkegaard em algumas de suas obras.	Dar relevo ao modo como o projeto kierkegaardiano de psicologia associa-se a uma fenomenologia e anunciar a relação entre uma psicologia de Kierkegaard e a possibilidade de uma transformação existencial.	O método indireto de Kierkegaard enquanto gesto fenomenológico ao buscar encontrar a existência mesma e estabelecer uma relação de interesse com ela. Considera-se a atmosfera de negatividade como espaço de possibilidade de transformação.
Feijoo et al., 2015	Kierkegaard, a escola da angústia e a psicoterapia.	Refletir sobre a relação estabelecida por Soren Kierkegaard entre angústia e psicologia.	A contribuição do aprender a angustiar-se para o despertar daquele que se encontra na ilusão. Cabe ao psicólogo acompanhar a possibilidade de que as transformações existenciais possam, então, acontecer.
Silva & Barreto, 2020.	Angústia como constitutiva da existência: ressonâncias para a clínica psicológica.	Compreender a angústia enquanto constitutiva da existência humana, dialogando com algumas dimensões do pensamento de Kierkegaard, Heidegger e Boss.	É questão do psicólogo acompanhar a atmosfera da angústia. Espaço clínico enquanto possibilidade de refletir e assumir a função libertadora da angústia.
Feijoo & Protasio, 2014	O universal e o singular na psicologia kierkegaardiana.	Revisão e reflexão teórica sobre os fundamentos apontados pelo pensamento de Kierkegaard para uma psicologia existencial e uma psicoterapia.	O psicólogo atua ajudando a desfazer os laços da ilusão do sujeito que se perde no mundo, esquecendo-se de seus critérios, referências e valores.

3 foram excluídos por não atenderem ao objetivo da pesquisa, resultando em um total final de 5 artigos completos para análise (Figura 1).

Ao analisar a amostra final de artigos, nota-se a escassez de materiais produzidos sobre uma psicologia de inspiração kierkegaardiana, especialmente considerando que muitos dos materiais encontrados nas diferentes plataformas eram duplicados ou anteriores ao ano de 2013. Ademais, é importante destacar que, dos cinco artigos analisados, três possuem em comum a autora Feijoo (2016; 2015; 2014) e três possuem em comum a autora Protasio (2014; 2015; 2014).

Mattar e Feijoo (2016) abordam o conceito de desespero em Kierkegaard e suas diversas manifestações. As autoras exploram os tipos de desespero descritos na obra “A Doença Mortal” de Kierkegaard (1849/2022), onde ele, sob o pseudônimo de Johannes Anti-Climacus, define o desespero como uma doença da alma, uma enfermidade do “eu”. Elas também discutem a multiplicidade dos modos de subjetivação presentes nas obras de Kierkegaard e destacam sua intenção de proporcionar espaço para que esses processos singulares de cada indivíduo possam se contrapor à identidade das massas. Por fim, as autoras destacam o papel do psicólogo como alguém que identifica o desespero presente no indivíduo e o acompanha em sua jornada diária, valorizando a riqueza da vida comum, com base nas obras de Kierkegaard e em estudos de outros pesquisadores citados ao longo do artigo.

Protasio (2014) explora a presença da psicologia nas obras de Kierkegaard, contextualizando a crítica do autor à psicologia de sua época. Ela discorre sobre o modo de comunicação indireta desenvolvido por Kierkegaard, uma estratégia para alcançar o leitor em seu próprio contexto, buscando tirar o homem da ilusão de ser o que não é e promover a possibilidade de transformação. A autora utiliza a obra “O conceito de angústia” de Kierkegaard (1844/2010), sob o pseudônimo de Haufniensis, para abordar o pecado hereditário e a angústia, através de uma reflexão psicológico-demonstrativa. Essa reflexão não se limita ao campo dogmático ou teológico, mas foca no indivíduo singular. Além disso, Protasio (2014) discute brevemente o tema do desespero em “A doença mortal” de Kierkegaard, e a psicologia presente na obra “A repetição” de Kierkegaard (2009), sob o pseudônimo de Constantin Constantius. Por fim, a autora destaca a importância de uma psicologia de inspiração kierkegaardiana que se ocupe das possibilidades e dos riscos próprios da existência humana, enfatizando a necessidade de um interesse genuíno pelos interesses do homem e pela compreensão de sua condição de indeterminação (Protasio, 2014).

No terceiro artigo em questão, Feijoo et al. (2015) utilizam a obra “O conceito de angústia” de Kierkegaard para explorar a ideia de que é dever da psicologia ocupar-se da condição de abertura,

ou seja, da possibilidade e do homem. A ideia central desenvolvida por Feijoo et al. (2015) é que experimentar a angústia constitui um aprendizado sobre si mesmo, uma escola de autoconhecimento. Este conceito está intimamente ligado à noção de liberdade, visto que a liberdade é o ser-capaz-de, sendo este o próprio espaço da angústia (Feijoo, 2015). Por fim, a autora relaciona essa aprendizagem da angústia com a psicoterapia, enfatizando que esta deve ocupar-se da existência humana em suas várias manifestações, através da angústia e da possibilidade. Portanto, é responsabilidade do psicólogo acompanhar as possibilidades para que as transformações existenciais possam ocorrer (Feijoo, 2015).

Silva e Barreto (2020) exploram o tema da angústia através da obra “O conceito de angústia” de Kierkegaard, utilizando estudos de Heidegger e Boss para discutir a dimensão existencial da angústia e sua relevância para a prática clínica. Nessa perspectiva, o psicólogo acompanha a atmosfera da angústia, um espaço onde o paciente pode confrontar-se consigo mesmo, um espaço que possibilita o “salto qualitativo” (Silva & Barreto, 2020).

Feijoo e Protasio (2014) discorrem sobre os conceitos de universal e singularidade, liberdade e indeterminação, bem como a angústia nas obras de Kierkegaard. As autoras destacam que a angústia está acompanhada pela possibilidade da liberdade, e enfatizam que cabe ao psicólogo atentar-se a essa angústia, pois é por meio dela que o indivíduo pode emergir com sua singularidade.

Neste contexto, Protasio (2014) aponta brevemente que o desespero se manifesta de três formas distintas, todas relacionadas à questão da vontade. O primeiro tipo envolve o desejo de ser verdadeiramente si mesmo, enquanto o segundo tipo refere-se à recusa em ser quem se é. O terceiro tipo de desespero ocorre quando o indivíduo ignora sua própria existência como um “si mesmo”. Além disso, conforme citado por Protasio (2014), o desespero caracteriza a existência do indivíduo como um campo de tensão entre o eterno e o temporal, entre o finito e o infinito, e entre o possível e o necessário. De forma semelhante, Mattar e Feijoo (2016), ao explorarem a questão do desespero, afirmam que só é possível compreendê-lo após compreender o conceito de “eu” para Kierkegaard, pois o homem é o único ser que pode experimentar desespero devido à consciência de possuir um “eu”. Assim, o “eu” é uma relação estabelecida consigo mesmo; é o espírito, e o espírito é o “eu”. O “eu” engloba tanto liberdade quanto necessidade, infinitude e finitude. É precisamente por ser uma relação que se volta para si mesma, mas também é influenciada por outros, que surgem tensões manifestadas quando o “eu” deseja ser verdadeiramente si mesmo ou recusa-se a ser quem é (Mattar & Feijoo, 2016)

Paralelamente, Feijoo e Protasio (2014) descrevem o “eu” como uma relação paradoxal

que se relaciona com a própria relação que ele é, o que configura o desespero. Assim, o desespero e a angústia são elementos fundamentais da existência humana e constituem os conceitos mais cruciais para a ciência psicológica desenvolvida por Kierkegaard. Ambos representam um espaço no qual o homem pode observar e avaliar a si mesmo, sendo a angústia o elemento que marca a existência humana (Feijoo & Protasio, 2014).

Ao contrário de Protasio (2014), que afirma a existência de três tipos de desespero, Mattar e Feijoo (2016) discorrem em seu estudo sobre diversas formas de desespero. Enquanto Protasio (2014) relaciona os tipos de desespero ao elemento da vontade, Mattar e Feijoo (2016) associam o desespero ao elemento da consciência. Ou seja, para Mattar e Feijoo (2016), o desespero pode ser tanto inconsciente quanto consciente. O desespero consciente pode se manifestar como a recusa em ser si mesmo ou o desejo de ser si mesmo.

A forma de desespero de não querer ser si mesmo pode referir-se tanto ao temporal quanto ao eterno ou a si mesmo. No aspecto temporal, o homem reage sem reflexão, respondendo ao que lhe é exterior, imerso no puro imediato. Sua infelicidade advém da perda do que é temporal; seu desespero surge da aposta exclusiva no que é passageiro. Dessa forma, o homem se identifica apenas pela vida exterior, desconhecendo a si mesmo. Quanto ao desespero eterno ou de si mesmo, similar ao desespero temporal, o homem pode atribuir tanto valor ao que é temporal que se desespera em relação à eternidade. Esse tipo de desespero pode ser visto como um progresso, pois nele o homem reconhece como fraqueza atribuir tanto valor ao que é passageiro. Assim, ele desespera de si mesmo, não mais apenas do que é temporal (Mattar & Feijoo, 2016).

Quanto à forma de desespero em que se quer ser si próprio, o homem deseja ser o autor de sua própria essência, recusando-se a se perder, embora esse seja o caminho para se encontrar. Assim, ao tentar ser si mesmo e criar uma essência fixa, o “eu” deixa de ser verdadeiramente si mesmo, deixando de ser uma abertura. No desespero que ignora ter um “eu”, o homem tem menos consciência de seu espírito, de seu “eu”, podendo levar uma vida agitada e múltipla, ou uma existência vegetativa. Essas formas de desespero são classificadas conforme a consciência ou inconsciência de ter um “eu” (Mattar & Feijoo, 2016).

Ainda de acordo com Mattar e Feijoo (2016), há o desespero infinito, que limita o homem ao afastá-lo de si mesmo, tornando-o abstrato e imaginário, integrando-o a ideias gerais. Por outro lado, o desespero finito delimita o homem ao fechar-se no finito, esquecendo-se de si mesmo e tornando-se apenas um número. Existe também o desespero do possível, que carece de necessidade, onde o “eu” luta

sem sair do lugar, debatendo-se entre o limite e a possibilidade simultaneamente. Por fim, o desespero da necessidade, carente do possível, sufoca o “eu”. Essas formas de desespero são classificadas de acordo com os fatores de síntese do “eu”.

Nesse contexto, Feijoo e Protasio (2014) afirmam que não apenas o desespero, mas também a angústia e o tédio são condições das quais o indivíduo jamais pode escapar, pois são situações que o confrontam consigo mesmo. Dois dos cinco artigos da amostra exploram exclusivamente a questão da angústia. Silva e Barreto (2020) discorrem sobre a angústia em Kierkegaard, Heidegger e Boss. Feijoo et al. (2015) abordam a angústia exclusivamente no contexto de Kierkegaard. Tanto em Protasio (2014) quanto em Feijoo e Protasio (2014), a angústia é tratada como uma forma de aprendizado. Assim, pode-se observar a angústia como um tema de grande importância para se pensar uma psicologia inspirada em Kierkegaard.

Para Protasio (2014), uma psicologia de inspiração kierkegaardiana é aquela que lida com as possibilidades e os riscos da existência humana, que deve estabelecer uma relação de interesse com os interesses do homem. Ela ressalta a importância de compreender a vida humana, reconhecendo que o desespero e a angústia moldam essa existência como um espaço de abertura e possibilidade de transformação.

Feijoo et al. (2015) destacam que a psicologia é a ciência mais apropriada para lidar com a angústia, pois ela se constitui como uma possibilidade e cabe ao psicólogo lidar com essa situação de abertura que se manifesta como angústia. Nesta área, não se trata de teorizações, mas sim de sustentar esse espaço onde tudo é possível. De forma semelhante, Protasio (2014) salienta que a angústia é um estado de liberdade no qual todo ser humano se encontra. A angústia aponta para a existência em seu estado de indeterminação, precariedade, abertura e liberdade, sendo responsabilidade do psicólogo compreender como essa existência se manifesta, cuja forma é a angústia, sempre em relação à possibilidade. Da mesma maneira, Silva e Barreto (2020) questionam se compreender a angústia é compreender a própria existência humana e destacam a angústia como uma condição intrínseca ao existir. Para Feijoo e Protasio (2014), a angústia está relacionada ao estado de indeterminação que caracteriza a existência humana. Portanto, todos os autores que abordaram a questão da angústia parecem concordar entre si.

Nesse sentido, Protasio (2014) enfatiza que a angústia é de interesse da psicologia, pois é o estado que precede todo modo de existir. Ela destaca que a liberdade é o que determina a existência como possibilidade para a possibilidade e aponta a angústia como o solo da ação humana. Assim, podemos conceber a clínica psicológica de inspiração kierkegaardiana como um espaço para compreender, intervir e acolher a angústia, uma vez

que esta é parte integrante da existência humana (Silva & Barreto, 2020).

Tanto Silva e Barreto (2020) quanto Feijoo et al. (2015) citam o conto “João sem medo” dos irmãos Grimm, referido por Kierkegaard em sua obra “O conceito de angústia”, para compreender o fenômeno da angústia e o aprendizado de angustiar-se. O conto narra a história de João sem medo, que desejava aprender a ter medo e partiu em uma jornada enfrentando fantasmas, caveiras, cadáveres, entre outros, sem se intimidar. No desfecho da história, João se assusta com pequenos peixes pulando em sua barriga, colocados por sua esposa. Assim, a experiência dos outros e o desejo de João não foram suficientes para que ele passasse a temer; foi o susto da própria vida que revelou sua vulnerabilidade. Feijoo et al. (2015) destacam a importância de aprender a angustiar-se, pois existir é angustiar-se, e apontam para uma “escola da angústia”, onde se aprende sobre si mesmo. Da mesma forma, Silva e Barreto (2020) afirmam que a angústia é constitutiva da existência humana, viver é angustiar-se, estar em uma “escola da angústia” implica aprender sobre si mesmo e assumir a responsabilidade de ser quem se é.

Nesse contexto, Feijoo e Protasio (2014) apontam a angústia como um espaço de tensão entre a impossibilidade do indivíduo se criar a si mesmo e a tarefa de ser quem ele é. Além disso, as autoras também discorrem sobre a angústia como uma formadora, ou seja, ser moldado pela angústia é compreender que na possibilidade tudo é factível, pois a angústia está intrinsecamente ligada à existência universal. Dessa forma, é na angústia que se pode reconhecer os próprios limites e possibilidades, permitindo-se ser formado pela potencialidade. Assim, para Feijoo et al. (2015), ser formado pela escola da angústia implica experimentar a si mesmo, projetar-se para as possibilidades e ser honesto quanto às próprias capacidades.

Portanto, ao considerar uma psicologia inspirada em Kierkegaard, a possibilidade de transformação do ser humano é o que une os envolvidos na prática clínica (Protasio, 2014). Nesse sentido, a clínica psicológica kierkegaardiana pode ser vista como um espaço de reflexão sobre como o indivíduo está vivendo sua vida e como ele pode assumir a função libertadora da angústia (Silva & Barreto, 2020). Relacionado a isso, Kierkegaard afirma que na angústia, o homem pode tanto elevar-se quanto afundar-se (Feijoo et al., 2015). Assim, podemos pensar em uma clínica psicológica que acolhe essas manifestações da angústia por meio da expressão dos pacientes (Silva & Barreto, 2020). A tomada de decisão é precedida pela angústia, pois não há como prever, conceitualizar ou sistematizar completamente a decisão e suas consequências, conforme Mattar e Feijoo (2016), que destacam essa atmosfera acessível ao psicólogo.

Para Protasio (2014), a liberdade delimita a existência como um campo de possibilidades. Assim, liberdade e angústia parecem estar intrinsecamente relacionadas. A liberdade é vista como a potencialidade para a possibilidade, enquanto a angústia é o espaço onde a liberdade se manifesta em si mesma. Há, portanto, um campo de tensão, pois, embora na liberdade “tudo seja possível”, as condições humanas e a vontade são frequentemente insuficientes para transformar essa realidade. Assim, a liberdade tem seus limites, que podem gerar angústia (Feijoo & Protasio, 2014). De maneira similar, Protasio (2014) argumenta que a angústia define o estado de liberdade de cada indivíduo, anunciando sua precariedade, indeterminação, abertura e liberdade. Silva e Barreto (2020) corroboram essa visão ao afirmar que a angústia revela a existência em sua condição de indeterminação, precariedade, abertura e liberdade. Em outras palavras, o estado no qual o homem se encontra revela sua maneira de lidar com a liberdade. No estudo de Feijoo et al. (2015), também se desenvolve a ideia de que a angústia está intimamente relacionada à liberdade. Nesse contexto, a angústia se revela como a possibilidade de ser-capaz-de, ou seja, a capacidade do homem de poder sim ou poder não. Portanto, a liberdade está sempre associada à possibilidade e não à necessidade. Da mesma forma, Silva e Barreto (2020) afirmam que a angústia surge da compreensão de que existem escolhas e possibilidades de liberdade, uma vez que a angústia reflete a realidade da possibilidade e implica compreender a indeterminação que caracteriza o futuro. É justamente a ausência de determinações que faz com que a liberdade gere angústia.

Outro ponto que parece relacionar-se com a questão da angústia é o salto qualitativo. Para Feijoo et al. (2015), através do salto qualitativo, surge a possibilidade de uma existência única, pela tensão entre o universal e o singular. Em outras palavras, o salto qualitativo revela o espaço angustiante do poder-ser, um espaço de possibilidade e responsabilidade do existir. Retomando o que Silva e Barreto (2020) afirmam sobre a angústia, que pode tanto elevar quanto afundar o homem, ela pode paralisar ou se tornar um salto diante dos abismos da existência. Portanto, cabe ao psicólogo acompanhar o salto que o indivíduo dá em cada escolha, pois cada uma delas é um momento decisivo (Feijoo & Protasio, 2014). Mattar e Feijoo (2016) também enfatizam que a existência se processa através desses saltos, dessas rupturas que ocorrem a cada instante; assim, a existência não é um processo contínuo e linear. Além disso, concordam que não cabe ao psicólogo definir o momento do salto, mas sim acompanhar esse movimento, estar presente no momento que o precede ou sucede (Silva & Barreto, 2020).

Em seu estudo, Feijoo e Protasio (2014) destacam o duplo caráter da existência, que



é simultaneamente subjetiva e objetiva. Cada personagem desenvolvido por Kierkegaard em suas obras é universal, pois se refere a toda a humanidade, e singular, pois reflete a vida cotidiana específica. Nesse contexto, as autoras apontam que a psicologia de inspiração kierkegaardiana deve se atentar a essa dualidade, reconhecendo que cada indivíduo carrega sua singularidade, ao mesmo tempo em que compartilha características universais com todos os seres humanos (Feijoo & Protasio, 2014). De maneira similar, Protasio (2014) argumenta que a psicologia de Kierkegaard se propõe a estudar a vida humana singular, que está constantemente em tensão com a vida humana universal. É dessa tensão entre o universal e o singular que surge a possibilidade da existência singular através do salto qualitativo (Feijoo et al., 2015).

Nesse sentido, uma psicologia de inspiração kierkegaardiana busca identificar o desespero no paciente/cliente, sem pretensão de resolver conflitos ou ajustar o sujeito a algum projeto de felicidade. Portanto, cabe ao psicólogo observar e acompanhar o homem em seu agir cotidiano (Mattar & Feijoo, 2016). A participação do psicólogo é apenas um dos elementos presentes na clínica, e não é adequado para ele tentar determinar o processo da situação do cliente/paciente (Feijoo & Protasio, 2014). Assim, o psicólogo aguarda pacientemente que algo se revele na repetição cotidiana, revelando sua necessidade (Protasio, 2014).

A psicoterapia existencial de inspiração kierkegaardiana visa tornar as demandas do sujeito temas de reflexão, permitindo que este se aproprie de seu horizonte histórico e tome decisões sem se afastar de si mesmo (Mattar & Feijoo, 2016). Para Protasio (2014), a psicologia de inspiração kierkegaardiana lida com as possibilidades e os riscos próprios da existência humana, interessando-se pelos interesses do sujeito e buscando compreender as condições da vida humana.

Ao se solidarizar com os interesses do sujeito, a psicologia de inspiração kierkegaardiana deve escutar a expressão da angústia e do desespero, pois é através dessa expressão que surge a possibilidade e, conseqüentemente, a transformação (Protasio, 2014). O psicólogo alerta o sujeito para que não se distancie de si mesmo nem se torne uma ovelha no rebanho, ou seja, para que não se perca no mundo, ajudando-o a manifestar sua singularidade (Feijoo & Protasio, 2014).

Segundo Feijoo et al. (2015), cabe ao psicólogo identificar os meios pelos quais o sujeito tenta ocultar seu estado de tensão e angústia, ou seja, buscar despertar o sujeito que vive na ilusão. De maneira similar, Feijoo e Protasio (2014) também destacam o papel do psicólogo em desfazer os vínculos ilusórios do paciente/cliente, conduzindo-os a outras formas de existência.

Na clínica psicológica, é possível compreender,

intervir e acolher a angústia, pois é neste espaço que se pode refletir sobre o modo de vida e a possibilidade de ser autêntico, sendo um espaço de liberdade no qual o sujeito pode se formar e se transformar. Assim, o psicólogo acompanha o paciente em seu encontro consigo mesmo (Silva & Barreto, 2020).

## Considerações Finais

A revisão integrativa realizada permitiu a análise dos estudos recentes sobre uma psicologia inspirada em Kierkegaard. Durante a investigação, observou-se a escassez de materiais disponíveis nas plataformas de pesquisa utilizadas, e muitos dos artigos encontrados não atenderam aos critérios de avaliação, com várias duplicações. Essa situação destaca a necessidade de futuras pesquisas sobre o tema para contribuir ainda mais para a compreensão dessa abordagem psicológica.

Diante disso, foi possível explorar a influência do pensamento de Kierkegaard na psicologia clínica existencial, destacando conceitos-chave desenvolvidos por ele sobre a existência humana. Entre esses conceitos, a angústia emerge como central, pois para Kierkegaard viver é angustiar-se; a liberdade e a possibilidade também estão intrinsecamente relacionadas à angústia. Além disso, o tema do desespero é crucial, pois Kierkegaard argumenta que o homem se desespera de si mesmo, de ter um “eu”. Além de descrever esses conceitos, a revisão permitiu ampliar a compreensão da clínica psicológica de inspiração kierkegaardiana, conforme explorado nos artigos analisados. Esses estudos conectam a ciência existencial de Kierkegaard à psicologia, enfatizando que cabe ao psicólogo acompanhar o paciente/cliente no que Kierkegaard descreve como “salto qualitativo”. Isso implica oferecer um espaço para explorar outras possibilidades de existência, relacionamento com responsabilidades e interesses individuais, sem buscar resolver conflitos ou impor projetos de felicidade pré-definidos. Em suma, a abordagem kierkegaardiana oferece uma possibilidade de intervenção psicoterapêutica que responde às demandas clínicas através da reflexão sobre a existência singular e suas possibilidades.

## Referências

- Araújo, I. C. & Freire, J. C. (2014). Os valores e a sua importância para a teoria da clínica da abordagem centrada na pessoa. *Revista da abordagem gestáltica - Phenomenological Studies*, 20(1), 94-103. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672014000100012&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672014000100012&script=sci_abstract)
- Cordioli, A. V., Alves, L. P. C., Valdivia, L., & Rocha, N. S. (2019). As principais psicoterapias: fundamentos teóricos, técnicas, indicações e con-

traindicações. Em A. V. Cordioli & E. H. Grevet, *Psicoterapias: abordagens atuais*. Artmed.

- Dutra, E. (2013). Formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial: dilemas e desafios em tempos de técnicas. *Revista da abordagem gestáltica - Phenomenological Studies*, 19(2), 205-211. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200008)
- Erthal, T. C. S. (2013). *Trilogia da existência: teoria e prática da psicoterapia vivencial*. Appris.
- Feijoo, A. M. L. C., Protasio, M. M., Campos, E. da S., & Margarido, F. B. (2018). A Ciência existencial em Kierkegaard: um caminho possível para a psicoterapia? Em A. E. A. Antúnez & G. Safra, *Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação*. Atheneu, pp. 179-185.
- Feijoo, A. M. L. C. & Protasio, M. M. (2011). Análise existencial: uma psicologia de inspiração kierkegaardiana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(3), 72-88. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672011000400007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000400007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Feijoo, A. M. L. C., & Protasio, M. M. P. (2014). Lo Universal y Lo Singular en la Psicología Kierkegaardiana. *Psicología desde el Caribe [Psicología do Caribe]*, 31, 161-186. [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S-0123-417X2014000100008](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S-0123-417X2014000100008)
- Feijoo, A. M. L. C., Protasio, M. M., Gill, D., & Veríssimo, L. J. (2015). Kierkegaard, a escola da angústia e a psicoterapia. *Psicologia: ciência e profissão*, 35(2), 572-583. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/xYBLQtG6kBBCfNFRS7bnwqQ/abstract/?lang=pt>
- Kierkegaard, S. (2010). *O conceito de angústia*. Vozes.
- Margarido, F. B. (2017). *O desespero humano: Soren Kierkegaard e a clínica psicológica*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.
- Mattar, C. M., & Feijoo, A. M. L. C. (2016). O Desespero humano em Kierkegaard: Contribuições para a Psicologia. *Interação em psicologia*, 20(1), 1-9. <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/32004/29634>
- Oliveira, G. M., Barros, J. N. de, Ferreira, M. R., & Silva, M. L., (2021). A angústia existencial como disposição afetiva fundamental para a prática psicoterápica. *Revista da abordagem gestáltica - Phenomenological Studies*, 27(3), 348-360. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672021000300010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672021000300010)
- Protasio, M. M. (2014). A psicologia indicada por Kierkegaard em algumas de suas obras. *Revista da abordagem gestáltica - Phenomenological Studies*, 20(2), 213-220. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672014000200009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672014000200009&script=sci_abstract&tlng=pt)
- Schneider, D. R. (2011). *Sartre e a psicologia clínica*. Editora UFSC.
- Silva, E. F. G., & Barreto, C. (2020). Angústia como constitutiva da existência: ressonâncias para a clínica psicológica. *Revista da abordagem gestáltica - Phenomenological Studies*, 26(2), 220-231. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-68672020000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672020000200010)
- Souza, A. C. B. D. (2021). *Introdução à psicologia clínica*. Editora Saraiva.
- Vieira, M. S. (2020). A angústia e o despertar da liberdade: indicações para uma psicologia clínica próxima à existência. *Revista Filosófica São Boaventura*, 14(1), 49-73.

---

**Isabella Cristina Correa** – psicóloga pela Faculdade de Ciências da Saúde de Unaí – FACISA, Curso de Psicologia. E-mail: [isabellacorrea.psicologa@gmail.com](mailto:isabellacorrea.psicologa@gmail.com)

**Fabrício Emanuel Soares de Oliveira** – Doutorando em Ciências da Saúde (Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes). E-mail: [fabricaoemanuel1@hotmail.com](mailto:fabricaoemanuel1@hotmail.com)

---

Recebido em 03/12/2023

Primeira decisão editorial em 03/06/2024

Aceito em 26/08/2024